

O Patrimônio Arqueológico de Vila Boa de Goiás e os projetos de memória e identidade de negros escravizados em Vila Boa de Goiás, Séculos XVIII e XIX

Gislaine Valerio de Lima Tedesco

Universidade Estadual de Goiás

Goiás - Goiás - Brasil

gislaine.tedesco@ueg.br

Resumo: Esse artigo tem como objetivo central refletir sobre o uso da cultura material nos projetos de memória e identidade de negros africanos e afrodescendentes escravizados nos séculos XVIII e XIX, no núcleo urbano em Vila Boa de Goiás, atual cidade de Goiás. Essa análise parte do acervo cerâmico obtido nas escavações arqueológicas realizadas nas áreas de implantação das obras de Adequação da cidade de Goiás para concessão do Título de Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO. Neste período foram escavadas todas as ruas do antigo núcleo urbano de Vila Boa de Goiás e 83 fundos de quintais.

Palavras-Chave: Patrimônio Urbano. Negros Escravizados. Memória e Identidade.

Introdução

Esse artigo tem como objetivo central discutir o uso ativo da cultura material nos projetos de memória e reelaboração identitária¹ de negros africanos e afrodescendentes escravizados no núcleo urbano em Vila Boa de Goiás, nos séculos XVIII e XIX². Essa análise parte dos dados obtidos com descoberta de objetos arqueológicos, em especial fragmentos de utensílios cerâmicos, coletados nas escavações realizadas no sítio arqueológico histórico e urbano de Vila Boa de Goiás, atual cidade de Goiás. As escavações foram realizadas no âmbito das obras exigidas pela UNESCO para adequação da cidade, com o intuito de obter o Título de Patrimônio Mundial da Humanidade³.

¹ Aqui serão considerados os apontamentos de Pollak (1989) sobre memória subterrânea por se tratar de memória de grupos minoritários. Já Identidade será entendida na perspectiva de Hall (2009). uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

² As discussões apresentadas neste artigo compõem parte de minha tese de doutorado. (Tedesco, 2012)

³ Por se tratar de obras que promoveriam intervenções em subsolo, o sítio arqueológico histórico e urbano de Vila Boa de Goiás passou por pesquisa arqueológica preventiva conforme previsto na Lei 3.924/61 e Portaria 007/88 IPHAN, garantindo que a pesquisa arqueológica anterior às intervenções de subsolo resguarde às gerações futuras o acesso a uma parte de seu passado através do acervo coletado.

Neste período foram escavadas todas as ruas do antigo núcleo urbano e 83 fundos de quintais, de onde foram coletados aproximadamente 130.000⁴ fragmentos arqueológicos entre objetos em cerâmica, vidro, louça, metal e osso, relacionados aos diferentes grupos que compunham a população do núcleo urbano no período mencionado. Os fragmentos de vasilhas cerâmicas encontrados apresentam elementos decorativos e aspectos tecnológicos que apontam que sua produção esteve relacionada aos ceramistas escravizados no sítio, evidenciando que “grupos de africanos e afrodescendentes preocuparam-se em reproduzir signos e motivos decorativos específicos de suas regiões de origens na cerâmica localmente produzida”, promovendo uma reelaboração de símbolos e signos auxiliando na rememoração de seus locais de origem na África (Symanski, 2010, p. 295)⁵.

A cultura material de negros escravizados e suas práticas identitárias

O acervo arqueológico confeccionado em cerâmica encontrado no sítio de Vila Boa de Goiás apresenta elementos decorativos que o relaciona a grupos de africanos escravizados nesse espaço urbano, nos séculos XVIII e XIX como é demonstrado, nas figuras 01 e 02, que apresentam elementos comparativos entre as escarificações e/ou pinturas corporais desses indivíduos e os fragmentos cerâmicos com padrões decorativos que evidenciam suas semelhanças. Além dos aspectos tecnológicos de confecção desses utensílios, os fragmentos de cerâmica apresentam uma variedade decorativa que possuem similaridade com escarificações corporais africanas⁶. Essas características singulares têm se revelado importante instrumento de análise de práticas identitárias de

⁴ O total de 130.000 artefatos correspondente ao resultado das escavações das três obras em que o Núcleo de arqueologia da Universidade Estadual de Goiás (NARQ/UEG) realizou resgate. Neste artigo daremos ênfase ao acervo cerâmico gerado nas obras de implantação da rede de transporte e coleta de esgoto.

⁵ A correlação entre padrões decorativos e grupos de africanos e descendentes que participaram da diáspora africana foi observada em pesquisas realizadas em diferentes regiões do Brasil e também nos Estados Unidos tais como: em Goiás por Souza, (1999, 2007, 2008); no Mato Grosso por Symanski, (2007, 2010) e Symanski & Souza (2007, 2009); Rio de Janeiro por Lima (1993); São Paulo e Rio de Janeiro por Agostini, (1998, 2009, 2011); Rio Grande do Sul Jacobus (1996) Minas Gerais, Guimarães, (1990) entre outros. Esta discussão se insere no cenário internacional em pesquisas desenvolvidas em Cuba, Jamaica e Estados Unidos da América. Ver também, Funari (2007, 2009); Symanski e Souza (2007); Singleton e Souza (2009); Orser e Funari (2001).

⁶ Escarificações africanas foram e ainda são práticas culturais de modificação corporal que consistem na realização intencional de cortes ou incisões na pele, formando cicatrizes permanentes com significados sociais, simbólicos e identitários. Segundo Soares (2003 apud Sampaio, 2005) os documentos religiosos estiveram e ainda estão impressos no corpo, o que reafirma a importância desta dimensão aliada à oralidade, que traz à tona "o mito, a lenda, a narração, a fábula, a canção, a dança, o provérbio, a adivinhação, o rito" (Soares, 2003, p.04 apud Sampaio, 2005).

diferentes etnias africanas que fizeram parte desse processo histórico. A transposição desses signos do corpo para a cerâmica representaria algo que foi reinventado diante da crise do pertencimento promovido pelo deslocamento involuntário, “transpondo a brecha entre o “deve” e o “é” elevando a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia-recrutar a realidade à semelhança da ideia” (Bauman, 2005, p. 26).

Essas decorações estão presentes em todas as áreas do sítio apontando que esses utensílios foram amplamente utilizados, especialmente aqueles de uso na cozinha (panelas, objetos para manipulação de alimentos e para estocagem de água e sólidos)⁷. Por outro lado, foi identificado também nesses espaços do sítio, em um mesmo contexto arqueológico temporal⁸, vasilhames com decorações particulares específicas que podem revelar práticas do universo simbólicos desses indivíduos, são eles: utensílios para cozer alimentos, cachimbos e também objetos que se assemelham a alguidares⁹. A associação entre esses objetos poderia indicar que tais lugares/utensílios foram utilizados também em rituais de religiões de matriz africana, cuja reflexão faremos mais a diante.

Considerando esta hipótese, os utensílios mencionados podem ter auxiliado estes indivíduos no enfrentamento com a desintegração de seus sistemas sociais e na sua reestruturação por meio da elaboração de projetos que lhes incidissem sentidos identitários. Os padrões decorativos e determinadas categorias de objetos cerâmicos podem, em certa medida, ter representado uma parcela das experiências destes indivíduos, aquilo que possivelmente eles elegeram para ser lembrado, como parte de um processo ativo e contínuo da memória, ou ainda estar relacionado a um passado vago, mitológico e reinterpretado (Dyke & Alcock, 2003). Colabora nessa reflexão o comparativo entre escarificações e/ou pinturas corporais e os fragmentos de cerâmica evidenciado nas Figuras 01 e Figura 02

⁷ A identificação de vasilhames de uso na cozinha destacando aqueles para cozer alimentos, é realizada através das formas dos utensílios e a presença de marcas de uso, especialmente a fuligem que é encontrada em objetos que vão ao fogão à lenha.

⁸ Durante a escavação a partir da observação do tipo de solo, coloração e material arqueológico encontrado, especialmente em sítios arqueológicos históricos, é possível identificar se tratar-se de um contexto arqueológico preservado e consequentemente perceber se os artefatos são de um mesmo período (Renfrew, Bahn, 2015).

⁹ Os cachimbos, panelas e alguidares ainda hoje fazem parte dos rituais de religiões de matriz africanas nos momentos de confecção de comidas para Orixás, possessão e oferendas. Os alguidares são recipientes utilizados ainda hoje para deposições votivas nas religiões de matriz africana (Sampaio, 2005).

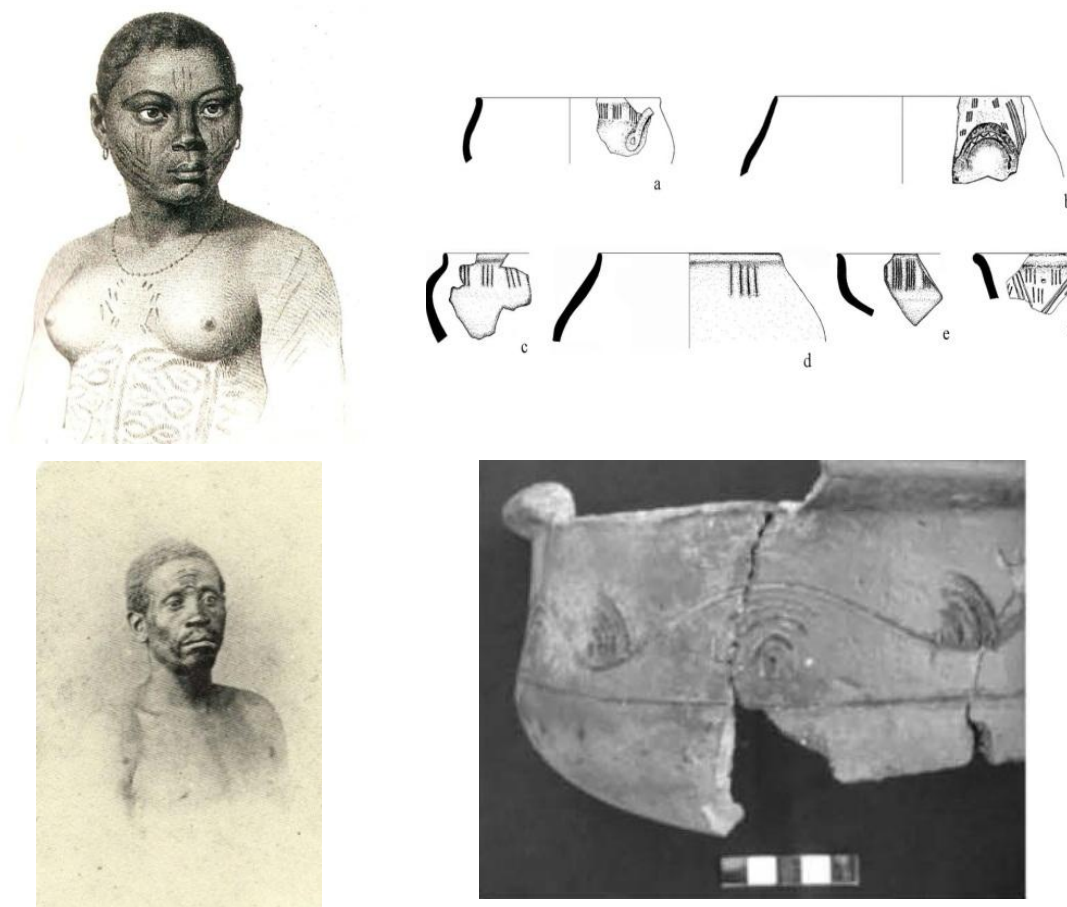


Figura 01 - Comparações entre escarificações e fragmentos cerâmicos encontrados em contexto arqueológico. Escravizada da nação Mina com escarificações e pintura em diferentes partes do corpo (Kossoy; Carneiro, 2002); cerâmica dos Sítios Ouro Fino – GO (Souza, 1999); fotografia de homem escravizado, acervo da Biblioteca Nacional, cerâmica do Sítio Buritizinho, Engenho do Quilombo e Sítio Taperão, MT; Sítio São Francisco SP (Souza & Agostini, 2010, p. 39-40).

Nesse sentido, os objetos encontrados nas escavações arqueológicas possibilitaram que dados de memórias marginais viessem à tona colaborando para uma melhor compreensão sobre como estes indivíduos conceberam/manipularam elementos de suas experiências no passado¹⁰. Para Bauman (2005) diante de situações de negação da identidade, como as vivenciadas pela população negra escravizada, que os indivíduos buscam por estratégias de elaboração de referências identitárias, tornando o ambiente em que se encontravam mais acolhedor. Esta estratégia pode ter representado uma

¹⁰ Subterrânea, na perspectiva de Pollak (1989), por ser memória de grupos minoritários, mas também subterrânea na medida em que ocupa hoje o subsolo da cidade de Goiás. Segundo Simson, as memórias subterrâneas ou marginais são aquelas que não fazem parte da memória oficial. Em geral são guardadas em família e passadas de geração em geração ou através de experiências compartilhadas. Somente vêm à tona quando são criadas condições para que elas apareçam, ou ainda em momentos de conflitos sociais (Simson, 2000).

forma de amenizar as distâncias de seus locais de origens e, de alguma forma, fazê-los se sentirem-se menos “deslocados” (Bauman, 2005).

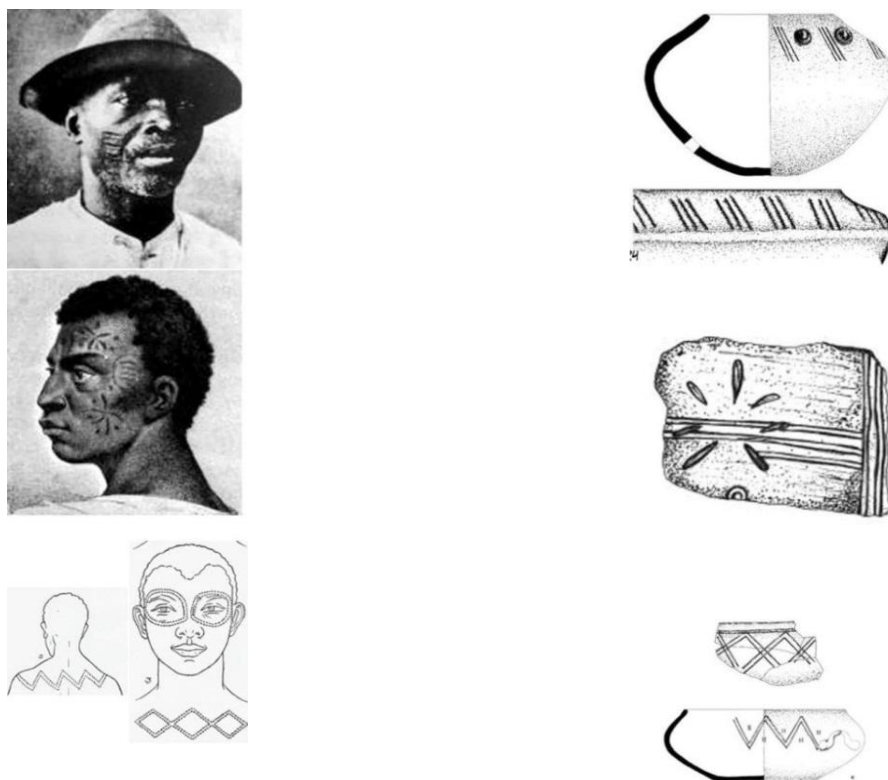


Figura 02 - Comparações entre escarificações e fragmentos cerâmicos encontrados em contexto arqueológico. Negro de chapéu nação ioruba; homem de perfil nação Moçambique e figura com escarificações utilizadas por ovimbundos, segundo Kossoy e Carneiro (2002). Fragmentos de cerâmica com decorações incisas¹¹ Sítios Engenho Rio da Casca e Água Fria (MT), pesquisados por Symanski, (2010, p. 209).

A partir de sua experiência enquanto refugiado, Bauman (2005, p.17) relata ainda que “estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum, pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora”. Para o autor, quando os indivíduos são transportados para outro ambiente material, antes de se adaptarem e se reconhecerem buscam recriar objetos que fizeram parte de um cenário conhecido e familiar, numa tentativa de amenizar a perda de referências e recuperar novamente o sentimento de permanência e estabilidade, configurando projetos de memória e identidade (Bauman, 2005). Por esse ângulo, quais foram as estratégias

¹¹ A decoração incisa é definida por Souza (1997) como sendo um tipo de decoração cerâmica que consiste em incisões praticadas por meio de extremidade aguçada de instrumentos variados, na superfície da cerâmica, antes da queima, podendo variar em comprimento, largura e profundidade.

utilizadas pela população negra para se refazer neste novo ambiente e construir referências que pudessem lhes trazer algum conforto emocional?

Halbwachs, ao refletir sobre *memória coletiva e o espaço*, se reporta a Augusto Comte e suas observações sobre a forma como os indivíduos buscam o equilíbrio mental por meio dos objetos materiais. São eles que nos fornecem a imagem de permanência e estabilidade, como “*uma espécie de companhia silenciosa e imóvel, estranha a nossa agitação e as nossas mudanças de humor, e nos dão uma sensação de ordem e tranquilidade*” (2006, p. 157). Assim, o apego que temos com objetos, os móveis e com nossa residência é muito mais que comodidade e estética, uma vez que são estes elementos materiais que possibilitam lembrarmos momentos e eventos compartilhados com a família e amigos (Halbwachs, 2006). Já Siân (1997) adota a terminologia *objeto biográfico* como uma metáfora da relação íntima entre as pessoas e os objetos que se estabelece mutuamente ao longo do tempo. Para Jones (1997) “o conceito de biografia, ao mesmo tempo em que abrange a compreensão da vida útil dos artefatos, engloba também a ideia de que os objetos são usados para construir e manter identidades sociais” (tradução da autora)¹².

Assim, é provável que esses utensílios decorados tenham fornecido aos negros o que a diáspora (Hall, 1990) e a escravidão lhes negaram: a lembrança de casa, da panela e do cheiro da comida da mãe e a possibilidade de imprimir escarificações corporais que promoviam comunicação visual entre os membros de seus grupos de origem. Assim, foram inúmeras as estratégias de busca e negociações por parte destes indivíduos por um novo território elaborando projetos identitários simbólicos, construídos a partir dos elementos capazes de reproduzir memórias e sentimentos de pertencimento.

O Sítio Arqueológico Histórico e Urbano de Vila Boa de Goiás: da formação ao desenvolvimento do núcleo urbano e sua população negra escravizada

O Sítio Arqueológico Histórico Urbano da Cidade de Vila Boa de Goiás, atual cidade de Goiás, localiza-se a 132 km de Goiânia, capital do Estado de Goiás, tendo como via de acesso à Rodovia GO-070. Em 2001, a cidade recebeu o Título de Patrimônio Histórico da Humanidade em função da preservação de seu centro histórico e

¹² “The concept of biography, while embracing the insights that a use-life perspective brings to artefact analysis also encompasses the idea that objects are used to construct and maintain social identities” (Jones 1997, p. 84).

singularidade de seus testemunhos arquitetônicos¹³. A ocupação pelo colonizador, e a formação do contexto arqueológico na área do sítio, se deu nas primeiras décadas do século XVIII, com a descoberta do ouro ao longo do Rio Vermelho e seus afluentes. Neste mesmo período vários núcleos urbanos surgiram, promovendo o deslocamento populacional para diferentes áreas mineratórias na Província de Goiás. A possibilidade de enriquecimento rápido atraiu todo tipo de pessoas para o interior das minas, povoando um vasto território habitado, até então, pelos grupos indígenas (Palacin, 1976, p.39).

Este contingente populacional foi se instalando próximo às lavras de ouro, promovendo uma ocupação urbana distinta do litoral. Os primeiros arraiais surgiram à medida que foram descobertas novas minas auríferas, sem que houvesse uma sequência racional ou uma distribuição espacial regular. É neste contexto de ocupação que se inicia o processo de formação do sítio arqueológico de Vila Boa de Goiás. Até o ano de 1730 a ocupação da área da Vila ocorreu, basicamente, obedecendo às divisões das áreas de mineração, estendendo-se ao longo e paralelamente ao Rio Vermelho (Coelho, 1997, p.157; Bertran, 1987, p. 1 e 2).

A população que se instalou ali desenvolveu ao longo dos anos, diversas atividades, além da extração do ouro, uns se “ocupa{va}m de catar, outras em mandar catar nos ribeiros de ouro; e outras em negociar, vendendo, e comprando o que se há mister não só para a vida, mas para o regalo (...)” (Antonil, 1976, p.72). É difícil descrever os grupos sociais que vieram povoar Vila Boa de Goiás¹⁴, sabe-se, no entanto, que estes indivíduos eram bastante heterogêneos, “procedentes de variados recantos da colônia” saídos de todas as camadas sociais” (Chaim, 1987, p.28).

O número de negros escravizados em Vila Boa de Goiás foi durante todo o século XVIII, foi superior ao quantitativo de brancos como evidencia a Tabela 01. Para os primeiros anos do povoamento, o número de negros escravizados foi estimado por Palacin (1976) por meio do cálculo entre o volume do ouro enviado para Portugal e a provável média produzida por cada um. Assim, segundo o pesquisador, o número provável de escravizados existentes na Província de Goiás neste período seria de aproximadamente 750 a 1000 escravizados para cada ano, chegando ao número hipotético de 4.461 no ano de 1736 e chegando a 9.200, em 1789.

¹³ DOSSIÊ: proposição de inscrição da Cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade. Goiânia: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1999.

¹⁴ Segundo Palacin (1976, p.106), as referências são esparsas possibilitando traçar apenas um “contorno” do quadro social de Vila Boa de Goiás.

Tabela 01 - População da Freguesia de Vila Boa de Goiás - 1783

Sexo	Branços	Pardos	Pretos Forros	Total de Escravizados	Atividades dos Escravizados
Homens	825	616	269	SEM DISTINÇÃO DE SEXO	3.282 escravizados nas minas auríferas
Mulheres	391	644	535	4.689	1.407 escravizados nas atividades complementares

Fonte: Bertran (1996) e Salles (1992).

Os primeiros registros oficiais foram realizados somente a partir de 1739, durante a cobrança do imposto da Capitação. Como evidencia a Tabela 01 a maioria dos escravizados estava envolvida na mineração e aqueles computados nas atividades complementares eram responsáveis por diferentes atividades no núcleo urbano, tais como ferreiros, sapateiros, pedreiros, cozinheiro, doméstico, servente, alfaiate, costureira, pajem, lenheiro, lavadeira, carpinteiro, jornaleiro, lavoura, marceneiro, jardineiro, copeiro, criado, capina, ama de leite e engomadeira (Callefi, 2025; Caponi, 2018).

Durante todo o século XIX, o número de escravizados foi diminuindo (4.162 em 1804 e 1.208 em 1876)¹⁵ e para alguns historiadores, esta diminuição esteve relacionada à baixa na extração do ouro nas lavras. Os escravizados, neste período, teriam se dedicado às atividades agrícolas e pastoris e outros sido deslocados para o núcleo urbano de Vila Boa de Goiás. Segundo Bertran, “o declínio das minas (...) mais e mais escravos passam à condição de domésticos, para os afazeres de casa ou para o ganho em biscates de rua” (Bertran, 1997, p. 23). Entretanto, uma investigação mais sistemática ainda é necessária para melhor entendimento deste processo.

O censo de 1832 demonstra pela primeira vez, o número de escravizados, distinguindo africanos daqueles nascidos no Brasil. Naquele ano, viviam em Vila Boa de Goiás 2.189, sendo 892 homens escravizados nascidos no Brasil e 373 africanos; 774 mulheres nascidas no Brasil e 150 africanas. O número maior de africanos, entre homens e mulheres, da Comarca do Sul, estava presente em Vila Boa de Goiás, totalizando 523 africanos. Em Meia Ponte 304; Santa Luzia 106; Santa Cruz 195; Pilar 208; Crixas 75 e no Carretão apenas 01, (Karasch, 2008, p. 133).

¹⁵ Karasch (2008); Bertran (1996) Notícia Geral da Capitania de Goiás – 1783.

Já o Recenseamento realizado em 1872¹⁶ aponta a presença de negros africanos em Vila Boa de Goiás, décadas após a proibição do tráfico de negros. Foram computados 1.432 escravizados para a Região de Goyas, que incluía 12 freguesias dos núcleos urbanos de sua jurisdição. Deste total, 533 eram das freguesias de Vila Boa de Goiás, sendo 362 da Paroquia de Sant'Anna de Goyas dos quais 162 eram homens e 200 eram mulheres. Desse total, 04 homens e 09 mulheres eram escravizados africanos¹⁷. Da Paroquia de Nossa Senhora do Rosário foram registrados 171 escravizados, sendo 82 homens e 89 mulheres, não havendo africanos entre eles.

Identificar as etnias desses indivíduos ainda é um desafio como aponta Loiola (2009), pois a maior parte das informações sobre a origem cultural destes grupos se perdeu ao longo de seu aprisionamento e transporte para o Brasil. Porém, mesmo diante desta problemática a autora salienta que não podemos ignorar as divisões étnicas estabelecidas pelos comerciantes de escravizados, pois de alguma forma, elas evidenciam a diversidade humana presente no cotidiano de Vila Boa de Goiás, principalmente no século XVIII, quando o tráfico de escravizados africanos foi mais expressivo em função da demanda das minas auríferas (Loiola, 2009; Karasch, 2008; Soares, 2000).

Dados sobre a procedência destes indivíduos foram obtidos nos registros de batismo, atestados de óbito, inventários e testamentos e demonstra para na segunda metade do século XVIII uma predominância dos escravizados denominado Mina, nome que se referia aos africanos de uma extensa área geográfica da região ocidental da África. A preferência por estes indivíduos esteve associada ao domínio da técnica de mineração e da metalurgia. Em uma incidência menor foram batizados também negros da região de Angolas, Nagô e Congo, correspondendo a 3% da amostragem, e pretos sem referência de nação, 19% de um total de 2.729 registros (Loiola, 2009, p. 46).

Entretanto, ao se aproximar do final do século XVIII, o número de africanos em Vila Boa de Goiás diminui, ocorrendo algumas mudanças também na origem dos africanos. Nos registros de batismos entre 1794 a 1827, pesquisados por Karasch (2008), observa-se um aumento no número de negros provenientes da África Central, ou seja, 73 de Angolas, 47 Congos, 01 Rebolos, 01 Banguelas, 02 Cambidas, 02 Manjolos e 01 Moucumbas. Já da África Ocidental foram batizados para o mesmo período 48 Minas, 03 Nagôs e 02 Buças. Esta mudança parece se confirmar nos tributos cobrados em Vila Boa

¹⁶ Recenseamento do Brasil em 1872 – Goyaz. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brasil_1872/Provincia%20de%20Goyaz.pdf. Acesso em: 10 de mai de 2012.

entre 1837 e 1838. De um total de 469 escravizados, os tributados revelam que 15% eram de africanos, sendo 08 de Mina, 01 Usas, e 04 Caborés (África Ocidental); 04 Congos, 30 Angolas, 01 Banguelas e 01 Casanges, além de 22 africanos de origem desconhecida. A presença de negros, principalmente da África Central, em Vila Boa de Goiás até o final do século XIX, conforme apontam os dados obtidos por Karasch (2008), dialoga com algumas decorações observadas nos utensílios cerâmicos de Vila Boa de Goiás assim como observado por Symanski na cerâmica encontrada em sítios de engenhos dos séculos XVIII e XIX localizados no Mato Grosso (Symansk, 2010).

A pesquisa arqueológica na cidade de Goiás e as cerâmicas enquanto veículo e vetor de sentidos

As escavações realizadas no sítio arqueológico de Vila Boa de Goiás se iniciaram em agosto de 2000 com o objetivo de promover o resgate arqueológico nas áreas onde seria implantada a rede de esgoto da cidade de Goiás¹⁸. Foram realizadas sondagens de 1x1m obedecendo sistematicamente um espaçamento de 10 em 10 metros em todas as ruas do perímetro do antigo núcleo urbano e demais bairros da cidade de Goiás¹⁹. A sistematização do espaçamento das escavações forneceu uma amostragem do material arqueológico existente no sítio de 15%, assim como, da sua distribuição espacial, permitindo uma análise da ocupação e utilização do espaço urbano de Vila Boa de Goiás (Tedesco, 2014). Para cada área escavada foi coletada as coordenadas das intervenções o que permitiu analisar a distribuição espacial dos objetos cerâmicos com decorações africanas e afrodescendentes. O Mapa 01 apresenta uma parte dos variados espaços onde as escavações arqueológicas foram realizadas contemplando diferentes áreas do núcleo urbano e indicando também onde as decorações estiveram presentes em diferentes locais, não havendo distinção entre a área da Igreja de Nossa Senhora dos Pretos onde possivelmente viveria a população negra e a região da Igreja Matriz, onde viveria a elite (Tedesco, 2009)

¹⁸ A cidade de Goiás passou por obras de embotamento da rede elétrica e de telefonia no mesmo período também com acompanhamento arqueológico com quantitativos distintos de objetos arqueológicos que não compõem esse artigo.

¹⁹ Vila Boa de Goiás é o único sítio urbano histórico do Brasil e América Latina a ter todo seu centro histórico escavado bem como demais bairros adjacentes e periféricos. Além do sítio de Vila Boa de Goiás foram identificados outros sítios arqueológicos históricos provavelmente relacionados a sítios de agricultura que auxiliavam no abastecimento de Vila Boa de Goiás (acervo NARQ/UEG).



MAPA 01 - Localização das escavações arqueológicas realizadas no sítio com presença de cerâmica com decorações africanas e afrodescendentes. Fonte: Tedesco (2012)

Durante todas as escavações foram produzidos registros documentais das atividades realizadas no sítio, tais como: fichas e diários de campo, registros das coordenadas geográficas de cada ponto escavado, fotografias, desenhos, entre outros, possibilitando um mapeando das intervenções e o potencial arqueológico de cada uma delas, como demonstra o mapa 01. Foram coletados um total de 15.536 fragmentos de cerâmica com variados padrões decorativos e formas de recipientes. Para uma melhor localização das ocorrências dos utensílios cerâmicos e os tipos de decorações presente no sítio, foi elaborado banco de dados nos quais foram inseridas as informações

georreferenciadas de cada local escavado e os resultados das análises dos fragmentos de cerâmica contendo ainda os tipos de decorações existentes, as formas dos recipientes, entre outros²⁰. A análise espacial da distribuição do material cerâmico foi, dessa maneira, imprescindível na interpretação sobre o uso desses objetos por diferentes grupos sociais, especialmente os objetos de cozinha, espaço ocupado na maior parte por escravizados.

Em laboratório o acervo coletado passou por todo o processo de curadoria (identificação, higienização, numeração e acomodação em caixas contendo a identificação das áreas das coletas realizadas) e posteriormente, o material foi analisado conforme cada uma das suas categorias (objetos em metal, vidro, cerâmica, louça importada, ossos humanos e restos alimentares). Toda a documentação produzida e o acervo arqueológico se encontram sob a guarda do NARQ/UEG (Tedesco, 2014). Dentre todo o material arqueológico foi então selecionado os fragmentos de vasilhames cerâmicos para a presente pesquisa considerando a possibilidade de uma melhor compreensão dos seus elementos decorativos e sua ligação com grupos de africanos que viveram em Vila Boa de Goiás, contribuindo para um melhor entendimento de suas práticas culturais bem como.

As vasilhas em cerâmica analisadas dividem-se em três grupos distintos, segundo as suas formas, suas funções, marcas de usos e suas decorações, são eles: os recipientes utilizados na cozinha, os objetos de uso pessoal e os utensílios de uso à mesa (Figuras 05, 06, 07)²¹. Os recipientes utilizados na cozinha dividem-se em três categorias: os recipientes utilizados para manipular alimentos, os recipientes para cozer alimentos e os recipientes empregados para estocagem de alimentos sólidos e líquidos. Nesse artigo nos interessam-nos os utensílios de cozer e manipular alimentos, bem como os objetos de uso pessoal.

Na maioria dos sítios pesquisados até o momento no Brasil, as características tecnológicas observadas nestes objetos indicam que eles foram confeccionados localmente e por esta razão apresentam alguns aspectos que são peculiares, como o tipo de argila utilizada, forma dos recipientes e algumas alterações nos traços decorativas, provavelmente relacionadas à habilidade do ceramista. Os padrões decorativos incisos identificados nas escavações em Goiás foram denominados dentre as demais decorações:

²⁰ Para o banco de dados foram utilizados os programas Acess para computação dos dados, o programa ArqGis para elaboração dos mapas de localização do material cerâmico e Excel para cruzamento dos dados e elaboração de gráficos e planilhas.

²¹ Neste artigo serão analisados os utensílios de uso na cozinha onde predominam as decorações com elementos africanos e afrodescendentes.

01- Pontos e/ou círculos; 02 - Penteados; 03 - Losangos/ziguezague; 04 - Arcos e curvas; 05 – Ungulado; 06 - Digitungulado; 07 - Orgânicos e 99 – Não identificado²². Na amostragem predominam as decorações Penteado e/ou Retas e as decorações Losangos/ziguezague totalizando 45.37% da amostragem.

O padrão Penteado e/ou Retas representa 27,1% dos utensílios, conforme as Figuras 03 e 04 e pode estar relacionado a grupos de africanos denominados Mina e/ou Ioruba. São vasilhames encontrados na maior parte das áreas escavadas do sítio e, consequentemente, estão presentes em utensílios utilizados em diferentes residências do sítio arqueológico, predominando em recipientes empregados para cozer alimentos, com pequenas variações de tamanhos (volume entre 3 a 5 litros). Este tipo de padrão decorativo pode vir associado a outros padrões, e as incisões paralelas podem conter de 03 a 05 linhas, ocorrendo em sentido diagonal, horizontal e vertical. Tais padrões também são encontrados em utensílios de uso pessoal, como os cachimbos como demonstra a figura 04.

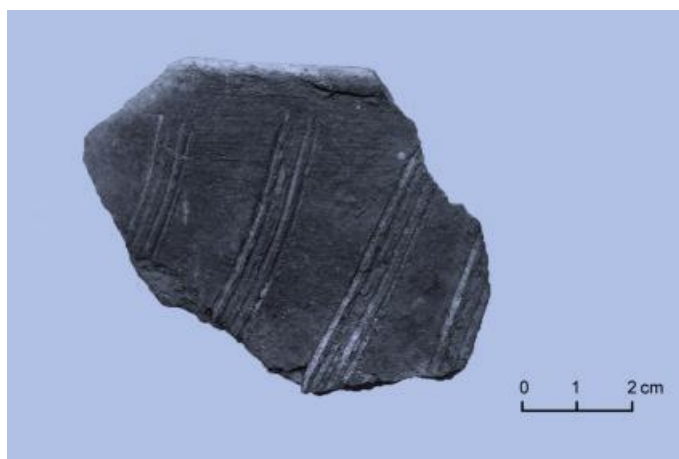


Figura 03 - Fragmento cerâmico com decoração Incisa Penteado
Fonte: Acervo NARQ/UEG

²² Essas categorias de decorações Incisa e Penteada como as demais nomenclaturas foram definidas por representantes da arqueologia histórica no Brasil (Symanski; Torres, 2022)



Figura 04 - Cachimbo com Padrão decorativo Incisa Penteado
Fonte: Acervo Arqueológico NARQ/UEG

Por outro lado, o padrão decorativo inciso denominado Losango/Ziguezague é o segundo em quantidade em relação aos demais padrões identificados nos fragmentos cerâmicos, correspondendo a 18,27% do total de peças (Figura 06). Chama a atenção a presença, em sua maioria, desses objetos em contextos arqueológicos específicos de áreas do sítio e em vasilhames para cozer alimentos, identificados a partir de suas marcas de uso, especificamente a presença de fuligem e, em alguns casos, restos alimentares em seu interior. Também colabora na interpretação do uso desses utensílios na cozinha a presença de “asas” para o manuseio do recipiente, como demonstra um dos utensílios (Figura 05).



Figura 05 - Utensílios utilizados para cozer alimentos com marcas de fuligem como padrão

decorativo de Losangos/Ziguezague (Reconstituição gráfica). Fonte: Acervo NARQ/UEG²³

Por outro lado, os utensílios que apresentam formas semelhantes a alguidares e decoração de Losangos/Ziguezague estão presentes em espaços específicos, como, em áreas periféricas do antigo núcleo urbano e em regiões que, nos séculos XVIII e XIX, possuíam vegetação nativa. Esses objetos aparecem associados a outros artefatos de caráter ritualístico, os quais podem estar relacionados a manifestações de religiões de matriz africana.²⁴



Figura 06 - Utensílio com Padrão decorativo de Losangos/Ziguezague em alguidares (Reconstituição gráfica) Fonte: Acervo NARQ/UEG

Uma parte dos utensílios, evidenciados na Figura 07, com maior capacidade de armazenamento (10 a 20L), apresentou marcas de uso produzido pela movimentação de líquidos em seu interior, provavelmente utilizados para o transporte e armazenamento de água. Aqueles vasilhames sem marcas de uso podem estar relacionados ao armazenamento de sólidos, como, por exemplo, grãos.

²³ Os utensílios demonstrados nas figuras 05, 06 e 07 são reconstituições gráficas em 3D elaboradas a partir da reconstituição de fragmentos cerâmicos.

²⁴ Alguidar — Vasilha de barro, onde são servidas as comidas de santo e feito os assentamentos. Fonte: (Baçan, 2012)

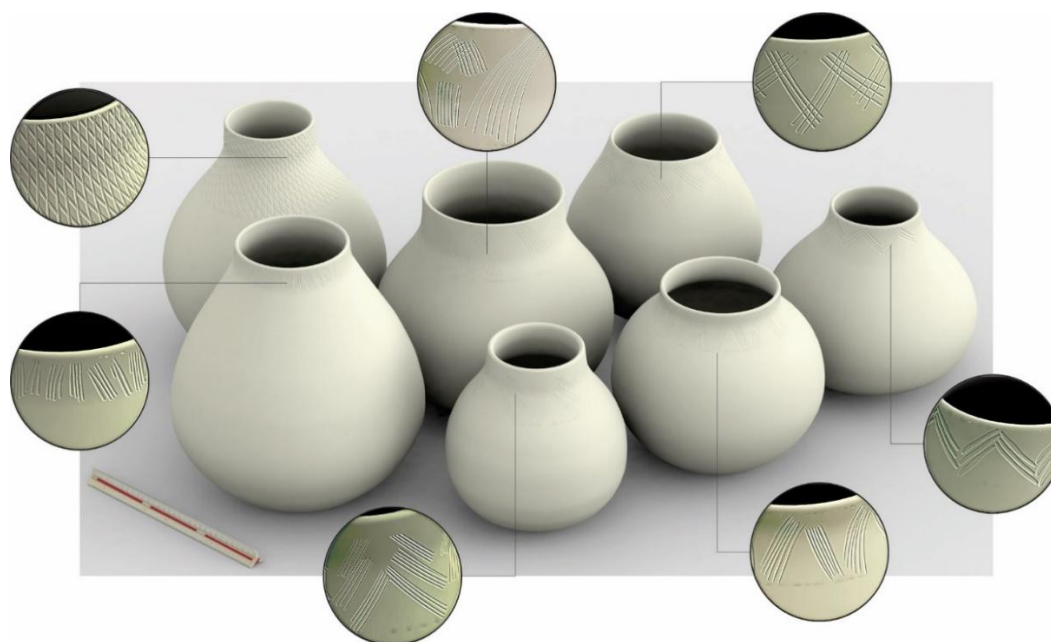


Figura 07 Utensílios para provável uso na estocagem de água e alimentos com Padrão decorativo Losangos/Ziguezague (reconstituição gráfica) Fonte: Acervo NARQ/UEG

Tais decorações, evidenciadas nas Figuras 05, 06 e 07, assemelham-se a escarificações de africanos escravizados da etnia Ovimbundu (Symanski, 2010), estão presente em diferentes sítios arqueológicos no Mato Grosso, em São Paulo, Rio de Janeiro, em Goiás, incluindo Vila Boa de Goiás (Figura 08). Essa similaridade provavelmente não é fruto do acaso e pode estar relacionada à importância destes signos no universo simbólico destes indivíduos. Para Gell (1998), os atributos estilísticos comuns expressam valores culturais compartilhados em determinada comunidade ou em um grupo social. Segundo o autor, os padrões decorativos presentes nos artefatos ligam as pessoas às coisas e aos projetos de memória que essas coisas representam (Gell, 1998).



Sítio São Francisco, Cidade de São Sebastião, SP (Agostini, 2011)



Sítio Vila Boa de Goiás, Cidade de Goiás - GO (Tedesco, 2012)



Sítio Cocal Santa Cruz de Goiás - GO (Carvalho 2000)

Figura 08 - Padrão decorativo de Losango/Ziguezague localizados em diferentes sítios arqueológicos históricos no Brasil

Em busca de compreender melhor a presença dessa decoração em Vila Boa de Goiás, e seus possíveis aspectos culturais associados a grupos de negros escravizados, realizamos o cruzamento dos dados georreferenciados para captar os locais onde o uso dessa decoração foi mais frequente. O resultado observado foi que a maioria dos utensílios com padrão decorativo de Losangos/Ziguezague está localizada, em maior densidade, em duas áreas específicas do núcleo urbano de Vila Boa de Goiás, são elas: a região da Rua Bartolomeu Bueno da Silva e a região da Avenida Alcides Jubé, totalizando 55% das peças. A maior incidência desses utensílios, nesses locais, pode estar relacionada, no caso da Rua Bartolomeu Bueno da Silva, a proximidade com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, espaço da Irmandade dos pretos, também associada a região onde viviam parte dos escravizados.

Sobre região da Avenida Alcides Jubé é importante considerar a presença da mata nativa na sua área circunvizinha em junção com os alguidares e um cachimbo com decoração específica revela a possibilidade de se tratar de um local de deposição votiva. A mata é o lugar que fornece as folhas 'que são essenciais para os rituais das religiões de matriz africana, pois são traduzidas como elemento de evocação (Tomás, p.13, 2019). Por outro lado, os alguidares nesse contexto, podem representar o uso desse utensílio para a realização de oferendas dirigidas a Osanyin, como pedido de permissão para a coleta dessas folhas. Reforça essa reflexão a presença de um cachimbo com elementos decorativos em forma de pássaro, que representa a força de Osanyin (figura 09).

De acordo com a mitologia, o pássaro é a representação do poder de Osanyin, o mensageiro que sobrevoa Òdòmíróòsódún (Alzení de Freitas Tomás) circundando todo o espaço e depois retorna, e, assentando-se sobre a cabeça de Osanyin, dá-lhe a conhecer o que sucede. A ferramenta de Osanyin possui os galhos e ramos de uma árvore. E pássaro e folhagem o lugar onde as pessoas alcançam saúde e equilíbrio, mas também, aquele lugar onde se alcança os segredos da terra, dos cantos, em todos os Seres. (Tomás, p. 46, 2019)

Apesar das proibições, os rituais das religiões de matriz africana foram relatados em fontes escritas em várias regiões do Brasil desde o século XVI, principalmente através de Inquéritos Policiais, como aponta Reis (1988), e as Devassas do Santo Ofício²⁵, conforme evidenciam os trabalhos de Mott (2010) em Minas Gerais, Reis (1988) e entre outros na Bahia e na Província de Goiás (Salles, 1999).

²⁵ Segundo Reis (1988), as manifestações religiosas de matriz africana eram consideradas crimes de feitiçaria e como tal podiam ser investigadas por autoridades civis e também eclesiásticas, mesmo que no final fossem transferidas para a Inquisição (Reis, 1988, p. 61).



Figura 09 – Cachimbo em cerâmica em forma de pássaro. Imagem A cachimbo em posição horizontal (posição de uso). Imagem B cachimbo em posição vertical para evidenciar sua decoração no formato de galo. Imagem C decorações incisas na parte de trás do cachimbo. Imagem D forninho do cachimbo. Fonte: acervo NARQ/UEG.

As narrativas de réus e testemunhas nos processos criminais pesquisados por Reis (1998) e Sampaio (2009) revelam a presença e o uso de variados tipos de utensílios cerâmicos em cerimônias religiosas de várias naturezas, dentre elas, sessões de previsão do futuro, rituais de possessão, cura de doentes, rodas de danças e evocações, além de oferendas votivas. (Sampaio, 2000, p. 191). Segundo Calainho (2008) a prática de oferendas foi muito comum em várias regiões da África, principalmente em rituais de evocação de Deuses ou espíritos antepassados (Calainho, 2008, 87).

Considerações Finais

A análise da distribuição espacial dos vasilhames cerâmicos no sítio arqueológico de Vila Boa de Goiás indica que esses objetos, com decoração incisa, estiveram presentes em grande parte das residências de Vila Boa de Goiás. Mas os utensílios com decoração

incisa com padrões decorativos penteados e/ou retas e losangos/ ziguezague apresentaram maior densidade entre os tipos de decoração incisa encontrada nas áreas selecionadas para análise. Não resta dúvida da relação entre a cerâmica com essas decorações e os grupos de negros da África Central, tendo em vista sua semelhança com escarificações corporais utilizadas por grupos étnicos desta região (Symanski, 2010). Em Vila Boa de Goiás, esta possibilidade se confirma pela presença destes indivíduos, segundo os dados históricos apontados.

Possivelmente não saberemos se todos os negros que vieram da África para Vila Boa de Goiás nos séculos XVIII e XIX, fizeram uso destes utensílios cerâmicos como parte de seus projetos de memória, pois cada um pode ter escolhido diferentes maneiras de reagir neste local de destino. É certo que parte destes negros – possivelmente, a que desempenhava a tarefa de confeccionar estes recipientes para a venda ou mesmo para uso de seus senhores – encontrou na sua produção uma importante forma de expressar elementos simbólicos visuais e, assim, se apropriar da nova paisagem em que estavam inseridos.

A comida de santo e as deposições votivas sempre estiveram presentes no Brasil apesar das repressões. É o que têm revelado pesquisas realizadas em jornais dos séculos passados, processos criminais e documentos do Santo Ofício em várias regiões do Brasil no período Colonial e Imperial (Reis, 1988; Sampaio, 2000; Karasch, 1999). Os inquéritos policiais deste período, de outras regiões do Brasil, fornecem algumas pistas sobre a importância dos utensílios cerâmicos junto às manifestações religiosas, visto que neles eram armazenados pós, folhas e raízes, elementos essenciais para que fosse estabelecida a conexão entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Uma vez que os utensílios cerâmicos e suas decorações somadas à importância que estes utensílios possuem em religiões de matriz africana são indícios importantes da utilização destes objetos como projetos de memória do convívio com os entes queridos e com as divindades as quais estes indivíduos se mantiveram conectados e desta forma, eles podem ter favorecido sua reestruturação neste território de destino. Assim, não restam dúvidas que identidades étnicas têm repercussões no uso consciente de fatores culturais específicos, e é nesta perspectiva que acreditamos que seja possível sua cristalização nos vestígios arqueológicos encontrados.

THE ARCHAEOLOGICAL HERITAGE OF VILA BOA DE GOIÁS AND PROJECTS ON THE MEMORY AND IDENTITY OF ENSLAVED BLACK PEOPLE IN VILA BOA DE GOIÁS IN THE 18TH AND 19TH CENTURIES

Abstract: The main objective of this article is to reflect on the use of material culture in projects related to the memory and identity of enslaved African blacks and Afro-descendants in the 18th and 19th centuries in the urban center of Vila Boa de Goiás, now the city of Goiás. This analysis is based on the ceramic collection obtained from archaeological excavations carried out in the areas where work was carried out to adapt the city of Goiás for the granting of World Heritage Site status by UNESCO. In this period, all the streets of the old urban center of Vila Boa de Goiás and 83 backyards were excavated.

Keywords: Urban Heritage. Enslaved Black People. Memory and Identity.

EL PATRIMONIO ARQUEOLÓGICO DE VILA BOA DE GOIÁS Y LOS PROYECTOS DE MEMORIA E IDENTIDAD DE LOS NEGROS ESCLAVIZADOS EN VILA BOA DE GOIÁS EN LOS SIGLOS XVIII Y XIX

Resumen: Este artículo busca reflexionar sobre el uso de la cultura material en los proyectos de memoria e identidad de las personas africanas y afrodescendientes esclavizadas durante los siglos XVIII y XIX en el centro urbano de Vila Boa de Goiás, actual ciudad de Goiás. Este análisis se basa en la colección cerámica obtenida de las excavaciones arqueológicas realizadas en las zonas donde se realizaron las obras de adecuación de la ciudad de Goiás para su declaración como Patrimonio Mundial de la UNESCO. Durante este período, se excavaron todas las calles del antiguo centro urbano de Vila Boa de Goiás, además de 83 patios.

Palabras Clave: Patrimonio Urbano. Personas Negras Esclavas. Memoria e Identidad.

Referências

Fontes

Recenseamento do Brazil em 1872 – Goyaz. Consultado em maio de 2012, In http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Provincia%20de%20Goyaz.pdf

Bibliografia

AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, Oct. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132001000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso 08 jan. 2012.

AGOSTINI, Camila. **Mundo Atlântico e Clandestinidade: Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no Sudeste, século XIX**. 2011. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2011.

AGOSTINI, Camila. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista:

Cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. In: **TOPOI**. Rio de Janeiro: V. 10, n. 18, jan.-jun. 2009, p. 39-47. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numero_atual/topoi18/topoi%2018%20%20artigo%20-%20-%20cultura%20material%20e%20a%20experiencia%20africana%20no%20sudeste%20oitocentista.p. Acesso em 08 de jan. 2012.

AGOSTINI, Camila. Resistência Cultural e Reconstrução de Identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. In: **Revista Regional**. Vol. 3 – n. 2, 1998. Disponível em www.rhg.uepg.br/v3n2/camilla.htm. Acesso em: 08 de jan. 2012.

ALCOKE, Susan E; DYKE, Ruth M. Van (Edited.) **Archaeologies of Memory**. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd, 2003.

ANTONIL, A. J. **Cultura e opulência do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERTRAN, Paulo. **Evolução Urbana da Cidade de Goiás no Período Colonial**. Texto Impresso apresentado no seminário arquiemória II. Belo Horizonte: 1987.

BERTRAN, Paulo. **Notícia geral da Capitania de Goiás**. Goiânia: Editora da UCG, Editora da UFG; Brasília: Solo Editores, 1996, Tomos I e II.

BUÇA, L.P. **Dicionário dos Rituais Afro-brasileiros**. Edição Eletrônica: junho de 2012 <http://www.scribd.com/lpbacan>. Acesso em 26 de nov. 2025

CALAINHO, Daniela Buono. **Metrópole das Mandingas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CARVALHO, Héllen Batista. **Uma Janela Para o Oitocentos**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 2000.

CAPONE, W. H. **Sobre os diversos ofícios realizados pelos escravos em Vila Boa de Goiás de 1863 – 1886**. Goiás: Monografia (Graduação) Universidade Estadual de Goiás, 2018

COELHO, G. N. **A formação do espaço urbano nas vilas do ouro: o caso de Vila Boa**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Dissertação (Mestrado), 1997.

DOSSIÊ: **Proposição de inscrição da Cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade**. Goiânia: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1999. 1 CD-ROM.

FUNARI, P. P. A. Historical Archaeology and Global Justice. **Historical Archaeology**, v. 43, p. 120-121, 2009.

FUNARI, P. P. A. Teoria e Arqueologia Histórica: a América Latina e o Mundo. **Vestígios**, v. 1, p. 49-56, 2007.

FUNARI, P. P. A. **Os Avanços da Arqueologia Histórica no Brasil, um Balanço.** Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq13.shtml>. Acesso em 08 de jan. 2012

FUNARI, P. P. A. Desaparecimento e Emergência dos grupos Subordinados na Arqueologia Brasileira. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: ano 8, n.18, p. 131-153, dezembro de 2002.

FUNARI, P. P. A. Etnicidad, Identidad e cultura material: un estudio del cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII. In: ZARANKIN, A. **Sed non Satiata, Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporânea**. Buenos Aires: Ediciones del tridente. 1999. p. 77-96.

GELL, Alfred. **Art and Agency: Anthropological Theory**. Oxford: Clarendon, 1998.

GUIMARÃES, Carlos Magno et al O Quilombo do Ambrósio: lenda, documentos e arqueologia. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, XVI (1, 2): 161-174, 1990.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Org. SOVIK, L. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **Cultural Identity and Diaspora**. London: Jonathan Rutherford, 1990.

IPHAN LEI 3904, 1961.

IPHAN PORTARIA 007, 1988.

JACOBUS, André Luiz. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. In: **Revista do CEPA**, UNISINOS, 1996.

JONES, Andrew. **Archaeological theory and scientific practice: topics in contemporary archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KARASCH, Mary C. Centro-Africanos no Brasil Central, de 1780 a 1835. In HEYWOOD, Linda M. **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

KOSSOY, Boris & CARNEIRO, Maria Lucia Tucci. **Um Olhar Europeu: o negro na Iconografia Brasileira do século XIX**. São Paulo: Edusp, 2002.

LIMA, Tânia A. Arqueologia Histórica no Brasil: Balanço Bibliográfico (1960-1991). In **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Ed. USP, 1993.

LOIOLA, Maria Lemke. **Trajetórias para a Liberdade: escravos e libertos na capitania de Goiás**. Goiânia: Editora UFG, 2009.

NOELI, F. S. As Hipóteses sobre o Centro de Origem e Rotas de Expansão dos Tupi. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, n. 39, 1996. p. 7-53.

ORSER, C. E. Jr. & FUNARI, P.P. A. Archaeology and Slave Resistance and Rebellion. In: **World Archaeology** 33(1): 2001, 61- 72.

PALACIN, L. **O século do ouro em Goiás: 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de minas**. Goiânia: Ed. UCG, 4ª edição, 1976.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf
Acesso em 08 jan. 2012.

Baça, L. P. **Dicionário dos rituais Afro-brasileiros**. Edição Eletrônica junho de 2012

Disponível em <http://www.scribd.com/lpbacanhttp://www.acasadamagodasletras.net>
19. Acesso 26 de nov de 2025

REIS, João José. Magia Jeje na Bahia: a invasão do Calundu do Pasto de Cachoeira, 1785. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: V. 08 n° 16, março-agosto de 1988. pp. 57-81.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología: Teorías, métodos y práctica**. Madrid: Ediciones Akal, 2. Ed, 2011 (Tradução por David Govantes Edwards).

SALLES, G. V. F. de. **Economia e Escravidão na Capitania de Goiás**. Goiânia: UFG, 1992.

SAMPAIO, Ana Paula de Mesquita. **Rituais de purificação: corporeidades e religiões afro-brasileiras**. 2005. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, 2005.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **A História do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas, São Paulo: Tese (Doutorado), Universidade Federal de Campinas, São Paulo, 2000.

SIÂN Jones. **The Archaeology of Ethnicity**. London: Routledge, 1997.

SIMSON VON, Olga R. de Moraes, PARK, Margareth B. & SIEIRO, Renata F. (org.) **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, Ed. da Unicamp. 2000.

SINGLETON, T.; SOUZA, M. A. T. de. Archaeologies of African Diaspora: Brazil, Cuba, and United States. In: MAJEWSKI, T.; GAIMSTER, D. (Eds.). **International Handbook of Historical Archaeology**. New York: Springer, 2009. p. 449-469.

SOUZA, M. A & Symanski, L. C. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2007, v 33: 215-243.

SOUZA, M. A. T. & SYMANSKI, L. C. P. Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. In: **Int J Histor Archaeol** (2009) 13:513-548

SOUZA, M. A. T. de. Uma outra escravidão: a paisagem social do Engenho de São Joaquim, Goiás. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica** 1(1):57-88. 2007.

Souza, Marcos A. T. de. **Ouro Fino: Arqueologia Histórica de um Arraial de Mineração do Século XVIII em Goiás**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, 1999.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In: NELSON, G.; GROSSBERG, L. (Ed.) **Marxism and the Interpretation of culture**. 1988. p. 271-313.

SYMANSKI, L. C. P. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). In: **Revista História Unisinos**. 14(3):295-312, setembro/dezembro 2010.

SYMANSKI, L. C. P.; TORRES, M, A. R. **Arqueologia Histórica Brasileira**. UFMG, 2022.

TEDESCO, Gislaine Valério de Lima. Do lado de lá e do lado de cá de Vila Boa de Goiás: fronteiras culturais e espaciais entre negros e brancos no século XIX. **IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Curitiba, maio. 2009.

TEDESCO, Gislaine Valério de Lima. **A cerâmica que vela e revela: Projetos identitários de negros ceramistas em Vila Boa de Goiás, séculos XVIII e XIX**. UFG, Tese (Doutorado), Goiânia, 2012.

TEDESCO, Gislaine Valério de Lima. **Relatório do Projeto de Acompanhamento e Resgate Arqueológico da obra de implantação da rede de esgoto da cidade de Goiás**. Goiânia. IPHAN, 2014.

TEDESCO, Gislaine Valério de Lima. **Preferências e Possibilidades de Consumo em Goiás Séculos XVIII e XIX**. Goiânia: UFG, 2025.

TOCCHETTO, F. **Fica dentro ou joga fora?** Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.

TOMÁZ, Alzení de Freitas. **Òsányìn: os segredos e mistérios das folhas sagradas**. [Recurso eletrônico]. / Alzení de Freitas Tomáz; ilustrações: Pâmela Peregrino; prefácio: Juracy Marques. – Paulo Afonso, BA: SABEH, 20

SOBRE A AUTORA

Gislaine Valerio de Lima Tedesco é doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); docente do mestrado profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás (PROMEP/UEG); Coordenadora do Núcleo de Arqueologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Enviado em 29/07/2025

Aceito em 03/12/2025